

Depois de passar uma Temporada com
meu filho e minha nora, em Santiago,
iniciei a viagem de volta no dia 13 de
Janeiro de 1971 pelo avião de São Paulo. E
minha companhia viajava Marilene de
Lima Corrêa, irmã da minha nora.
A viagem transcorreu ~~pero~~ muito more-
mente.

Durante os dias que passei em Santiago
tive oportunidade de encontrar mu-
chos brasileiros, amigos ou simples
conhecidos de meu filho. Sózinho alguma
vez levava correspondência de famílias, par-
~~tes~~ que já tivesse opção de tiver a op-
portunitade de conhecer alguns parentes de
meu no Rio. Outros eu conheci lá. Pô-
mico quando pe ~~esfalfou~~ a notícia
da minha volta ao Brasil, muitos me
prometeram faz pedindo-me que
trouxesse cartas ou ~~peçesse~~ encomias.
Coloquei-me à disposição delas.

No dia do embarque, estive na casa do meu
filho para more brasileira levaria que ~~me~~ ^{me} trouxe
chegada ha pouco tempo do Brasil. Viu que
era outros companheiros que traziam co-
municados aíto na Escalada do Cristo,
no de Janeiro. Como só conseguisse dizer co-
mo minha nora ~~possivelmente~~ ^{possivelmente} ~~fez~~ ^{fez} o
Catejo Santo Amaro, procurei-me e
meu - me que trouxesse suas cartas

revistas de jornais chilenos com fotografias
e notícias da chegada dos asilados a
Santiago. As cartas não eram só dela,
havia dos outros asilados também, mas
eram dirigidas, segundo elas, aos pa-
rentes para dar notícias da chegada ao
Chile. Como algumas manchetes puder-
am ter ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~
trazem ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~
brasileiras na revista da bagagem a fui
côpias recesei, trague Marta, por isso, elle
pediu muito e convenceu-me dizendo
que eu poderia trazer as cartas e que
corte por baixo da roupa e que assim
não haveria problemas. Enquanto ela tentou
me convencer, eu me lembrava da
chequeta ao Rio São Paulo de meu marido
na noite do dia 30 de Agosto. Ele
retardava, na ocasião, de sua curta vi-
agem a Santiago onde passara o Natal
com nosso filho. Nada aconteceu de
loucuras à sua chegada. A alfândega
autorizadas da alfândega revisou
meus pequenos bagagens e elle que trazia
cartas de brasileiros para facilitar
após residentes não fora importar
se refletiu, se é que se reflete, nenhuma
de partida quando se está de pedind
não se põe por quanto tempo e
nunca mais por muito
tempo e achou que corrigir seu
sobrado a gente certa e trouxe o recor-
sado a gente certa e outras coisas
e cartas reparadoras que a Marta me pediu

Quero deixar que fique ~~claro~~^{very} neste meu depoimento, que meu filho me ~~me~~ ^{deu} ~~para~~ ^{de} trazer nada. ~~do~~ ^{com} e tinha maior cuidado ~~comigo~~, quando da chegada dos ~~homens~~ ^{brasileiros} 7.0 pesos trouxeram pelo embaixador suíço a São Paulo se comentou a respeito entre os brasileiros ~~a presidente~~, O rádio transmitem notícias dizendo que grupos de brasileiros ~~passavam~~ a morte meteriam fogo de plantas no aeroporto que ensaiavam o bino chileno para cantar seu hino quando os patrões barbados e assim por diante meu filho disse-me que não queria perder ~~de~~ de jeito nenhuma o espetáculo da chegada e que ele e Jane (múmia) iriam, acabaram combinando com um chileno vizinho nosso que tinha automóvel. Eu poderia ter ido ~~por~~ simples curiosidade de turista e Brasil mas, ~~além~~ do alta oradura que eu ~~que~~ ~~queria~~ a chegada o que me o horário previsto para a chegada (4 horas da madrugada) já me desanhou seu bocado e meu filho acabou com a possibilidade minha ida dizendo-me que ~~eu~~ ~~que~~ ~~convinha~~ devia ir, de vez que Talvez isto me causasse problemas aqui no Brasil. Ele achava possível e melhor que polícias brasileiros fotografarem com teleobjetiva ~~à~~ a possibilidade presente em Sudáfrica. Tudo isto em

4

estou contando para que se entenda que é
não é o terrorista seu bracão, filho
que ~~é~~ a ~~oração~~ a ~~proposito~~ sua
posição difícil para colocando-a em sua
difícil para servir a seus propósitos a
pulverizar. (~~estes~~ palavras foram ~~removidas~~
~~ou~~ ou ~~era~~ estes expressões ou seu
charão que eu ouvi no falec.^o
marido do dia 20

Continuando o relato, quando des-
cius do avião, eu e Marilene
fomos levados a um jeep por 3
homens em traje esporte que, nos di-
pessoas ~~foram~~ que, nos di-
siam ser de rotina diante de
nossa estranheza e perguntei
seus, dissem: não sei nada, não
se preocupe, vai nos acompan-
há assunto de rotina! ~~Desse~~ fo-

~~mos~~ Chegamos a uma sala ~~o jeep~~
~~nos deixou diante~~ Desseus diante
de sua porta onde vi escrito: DAC
Polícia e daí em diante, não tive
mais dúvida: estavam presas. Esta
primeira fase de nossas aventuras ou
desventuras melhor dizendo, não foi
das piores se compararmos com o que
veio depois. Até que enquanto mexiam
em nossa bagagem e o ~~homem~~ em ~~sua~~
que chefiava as ações lia as cartas
que tinhamos trajado, parecia que
tudo seria resolvido logo. Mas, ~~os~~ ~~mesmas~~
horas foram se passando e ~~ainda~~ ~~não~~

Maria, ficamos as duas na polícia
Pois, penhores que se despeçam per de
Polícia, lotados no jaleo, nos guarda
vaca, enquanto o tal chefe nos ap-
reia. Estes policiais, de certa idade, n
tratavam com urbanidade e quando
já prendiamos a calha (eu chorava per
pando me meu marido e meus filh
que diziam ter vindo me buscar no
aeroporto) procuravam nos consolar
Eles deles foi buscar água enq
to o outro nos vigiava. Até ai ape-
do desagradável de nossas situações
da tensão que eu estava passando
não podia me queixar fui
deixado registrado aqui, de
meus amigos e os de meu
tratamento mas só ouvi expulsões
correios e fui tratada com delicadeza
pelos policiais.
Já na Círculo ficou sótão aparece
novamente o tal chefe das forças
armadas (a essa altura, pela conversa
dos outros eu já percebera que ele era
das forças armadas) com duas
mãos que se dissolviam de policial
ficou grata. Nunca chegaram a bater
nunca iniciaram a revista mas sou-
venço, eu sabendo o que se segue
que tinha corrigido os res-
peito - Elas que tinha corrigido os res-
peito de jornais e os artigos que circulavam

6
Ínha ~~meu~~ pedido ~~para~~ trazer. As poli-
ciais, imediatamente avisaram o
~~de~~ tal oficial e os viros perdi-
dos. Nada tinha encontrado em
meu leito, duas foimes levadas an-
tigas, a esse altura em desuso,
num jeep a outra dependência
de Galeão. ~~seu dia~~ Pergunte entendi-
do deposito de presos, como me disse
seu ~~segur~~ oficial que me in-
screveram ~~meu~~ oficial ~~meu~~ como
mogou (daria por oficial ~~meu~~ como
que vi ali ~~meu~~ morto
ódo) que ~~vi~~ ali ~~meu~~ morto
que não usava farda). ~~que~~
equinte não usava farda). ~~que~~
mandando o carro parou, ~~que~~ ~~que~~
~~que~~ foram separados, nos fizeraem
estar enquantos ~~que~~ colocavam
um nos ~~meu~~ sua espécie de capuz
que nos cobris intensamente o
rosto. ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~
chorando, mas, nos separe-
ram à força e eu fui sende-
rada por alguém até uma
sala onde me fizeraem sentar
- tiraram o capuz. (ressa-
vora de agonia mas pude deixar
de me lembrar da reação de
um oficial amigo nosso quando
ouviu do relato que meu filho
fizera ao lado fizes da sua
punição pelo Exército em sete

mo de 1969. Quando soube que
hiz Rodolfo ~~IMPRENTA~~ ^{ATMÁS} ~~ESTAMPA~~ ¹⁰⁰⁰ ~~ESTAMPA~~ ¹⁰⁰⁰ cobraria
ser um caixas, ainda no carro
que o transportava, esse oficial
convidou com sinceridade, acre-
ditou!): Estes jovens tem ~~mais~~
magia nascida!

Apelado "O seu peixe" mago, de
meia idade, ~~que~~ que no dia ^{ce-11}
printemps per chamado de "D. Peix"
que correu a me interrogar.
~~spousa de sua~~ ~~other com desconfiança~~
interesse tudo, o que aconteceu,
o que trouxera e assinou uma
relação dos valores que tinha na
bolso ~~e~~ cringiu e disse. Ele andava
me falou, com ar ofendido, que isto
era para voltar que mais tarde eu
disse que tinha sido roubada,
disse que tinha sido roubada,
nesta hora ele mandou tratar mal, apesar
de certa surpresa: disse que talvez eu
esse tivesse inocente útil. Eu havia
sempre com o caixas a sua apo-
mento. cela limpa, com sua can-
ion cançal. tirei a roupa e me dei
a combinações. Queria dormir, mas
meu que estava vivendo um pes-
soa, estes coissas de que a gente
não falar, mas que não podem
acontecer à gente. Não lhe pede

8

fora acesa ~~and difficulties was~~
para me incomodava muito.
De repente, abriu-se a cela e entrou
~~tal membro já com suas expressões~~
que pudesse faze e exigiu que eu
trasse a roupa toda, o que fui obriga-
do a fazer, constanhida e preciso-
so que ~~meu master~~ peraltada ~~me~~
era. Parece que ~~esta hora~~ era
~~estava~~ depois desta humilhação,
eu já não fiquei interamente em
mesma, era como se fosse um cão
~~grau~~ apertado passou a noite e
ainda com a luz ~~acesa~~, ~~depois de~~
muita ~~visão~~ sentarau-me elle
o mesmo horro da pérpega com me-
us outos: um alto de roto consigil-
pue me foi apresentado assim:
"Dr aqui veib falar com o senhor
- eu ai, perguntei: como é o seu
nome? Ele me respondeu respi-
lamente: - não interessa. Até ai eu
sabia que fosse ~~med~~ Quando
eu fiz a pergunta em percebi que
tal "Dr" fosse médico
e dai e foi o que eu expliquei..
Dai em diante percebi que te-
los que me interrogavam eram
chamados de "Dr" ate hoje não
sei porque algumas perguntas me
foram feitas, inclusive sobre o
que era, o que fazia etc. O outo

9
woman que entrou em seu consulado
para que lhe passasse instruções
sobre que era do Dops) tinha
o maior conhecimento e bom senso
de que os passageiros eram intelligentes
homens quando em dísses que tinha
um cargo no Estado, diretor de
departamento de treinamento
de funcionários que pelos inter-
vencões na conserva pareciam-me
funcionários federais e seu instrutor
funcionário federal e seu instrutor
Respondeu / ~~que~~ perguntas o que me per-
mitiriam e depois que eles saíram
tomei café com este. Mais tarde
me buscam sempre encapu-
xada fui levada a ~~uma~~ sua sala
lá apareceram mais uns 3 ou 4
"diretores" que me olhavam e faziam
~~requisitos~~ ~~que~~ suas ~~pessoas~~ e ~~que~~ um
perguntaram-me se eu tal "Dr.
com a entrada de seu tal "Dr.
liberto" de que em tchô horro
me levar até agora, iniciou-
e me levar até agora, suas pessoas de
e para cima, suas pessoas de
meu olhado que ~~deixem~~ sei desce-
lhe fui tratada como suas
de. ~~que~~ seu moral compre-
enderam ~~de~~ seu moral compre-
enderam ~~que~~ ele citou

10

e de que ~~meu~~ ~~meu~~ ~~meu~~ falar, o meu
delicado adjetivo que este tal pele
que deve ter tido ~~meu~~ ~~meu~~ ~~meu~~ algum dia
nunca foi cônico e atriz perfeita.
O pior é que ele tentava respostas
de quando ele me perguntava
alguma coisa, mas ele não dei-
xava, me interrompia, gritava,
ofendia meu filho, dizia que se
de o pegasse de provas, eu ia ver
o que ele faria. ~~Ele~~ ~~me~~ ~~me~~ ~~me~~
de garantir que não pensante
enficaria pressa, mas, todo o
mimba família seria detida,
pelo menos, quarenta dias,
inclusive mimba filha de
13 anos. Segundo este Dr.
Alberto "meu marido" pediu
o emprego, meus pais me
disse passaporte e que eu
me assinava na embaixada
de do Chile. Mas me lembro
de tudo que ele me disse, mas
este individuo e outros como ~~ele~~
fazaticos, e seu equilibrio
ainda me consegui esquecer sua
cara que ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ ~~que~~ que, tanto
meu de seu vício de provas. Ele me
mandou folheado seu álbum de

retatos de bandidos ¹¹ e pubescens.
Sabeia que eu reconhecesse o
que tinha visto no Chile. Mas
~~consegui reconhecer porque a per-~~
migração foi na corbeça ~~pessoal~~
meninos bandidos, mas, mesmo que
conhecesse alguém ali retratado ele
não conseguisse nada ~~de~~ de mim
parte, de tal modo que confundisse
com ~~essa~~ ~~assalto~~, e ameaçasse
e insultasse a Dona e a menina
filha. Nessa ocasião vi em cima
desse meu mesa minha ferroca
que até hoje ~~está~~ desse não recolhi
de volta, e a filha me mostrou
foto gráfica ¹² O tal cumprindo a
que me referi ante, mostrou
que me disse ao triunfante, meu
me doror o triunfante, meu
filha, dizendo-me: - Olhe
o que eu tirei da sua mochila
na prisão ¹³ (que decepcionado deve
ficar!) com (que decepcionado deve
ficar) com a inocência dos
filhos que representavam ~~essa~~
~~essa~~ pessoas suas filhas
filhos e de passeios turísticos.
Pois é de que minha
família - me de que minha
das saídas do Carnaval "Dr. Al
Fento" um homem que

estivera me observando me
disse ao me ver saindo:
A pergunta é a sua. Soube
não fazia jor seu qualquer
mais fez o que capaz até de dar tiro
aí. Foi capaz de dar tiro
Foram poucas palavras, mas re-
presentaram muito para o meu
márcio hora. Era uma gota
de compreensão no começo de
tanto ódio e brutalidade. Fui
levada outra vez à cela. Dado
consegui correr o aloroco que
me levaram. Alguns tempos

A tarde me buscam
Depois fôrmos para seu carro, de chapéu
~~de chapéu~~ para seu carro, de chapéu particular e vi que levava a geladeira
em mala via desde a véspera entrava
em outro carro. Outros "detentos" que
panhavam, de camisas coladas e calças
~~desbotadas~~ tipo americano. No caminhão
que ficava ao lado do motorista con-
versava pelo rádio, dizendo piadas sobre
o frio, o sol e a boa companhia
que ele levava no carro. Chegamos ao
edifício da 3^a Zona Aérea, pôxime
ao Aeroporto Santos Dumont e no

levaram ao último andar. Disse que
eram piadas só a seu respeito
de como eu estava iniciando trai-
lheus nos caminhos da subversão,
caminhos que ~~ele~~ comentavam rindo
eles já trilhavam há muitos tempo.
Hun "Dr" que ~~assassina~~ ao lado de

não via ainda, ofereceu-me um cigarro; eu estava ~~no~~ com vontade de fumar, mas, quando ele ~~consentiu~~ ~~estava~~ disse
 a mim para me dar o cigarro e disse
 "apesar de não merecer" - eu retruquei
 "por que tem o seu cigarro e ele
 não tem figura como o seu cigarro, e ele
 fazendo mal criado! ~~na hora quei co~~
 raiva. Hoje, tranquila, vejo o quanto.
 de infertilidade havia na atitude
 disses ~~pedades~~ ~~subversivos~~ do
 outro lado "importantes como seus
 difícies e desafios a Russi Chay
 sua pobre mulher que já estava
 internamente a ~~na~~ pueras dítes.
 Foi neste júlio, sentada ontem ca-
 deira num corredor, enquanto ouvia
 gritos de seu pobre marido que
 era interrogado e torturado, espalhou
 do, sei lá, que suspeita seu rosto
 conhecido que até ~~esta~~ parecia amigo.
 Passou, fardado pelo lugar onde ele
 estava o marido de meu chefe
 meu, oficial da Intendência da
 aeronáutica, não sei se maior
 ou capitão Dener de Bratos Poxot
 Ele, espantado, veio até onde ele
 estava e perguntou o que tinha
 acontecido. Eu breves palavras em
 que disse o que tinha acontecido
 e como eu estava precipitada com
 meu marido ignorando muitas
 situações. Ele que me conhece
 há mais de 20 anos e salve

perfeitamente, que meus me
meeti em política, esse consolo
dizendo que tudo o que do Exmo. Princípia-
(Operação Escola). Isto ocorreu no dia 20,

No terreno institucional, a adoção de inúmeras medidas
da maior importância, bastando mencionar a Reforma da Constitui-
ção, a reformulação do sistema partidário e a criação e instalação
da Justiça Federal.
No entanto, o resultado oficial é parente próximos negocia-
ções, o concretismo de qualquer
~~conclusão~~
que a revolução tem sido extraoficial.

Ainda assim, entendo que
desta vez de forma irremediável - a fase de estagnação econômi-
ca e ausência de perspectivas em que nos encontrávamos antigamente de
julho de 1964. para sua atitude
é pouco digna, que ele tivesse
feito isto por um exagerado
senso de dever, obedecendo a
ordens superiores. Soube, depois,
que o bravo oficial que negara
meu visto, comentara com
prisão com sua comitiva que
contou à mãe dela, minha
tia que comentei com muita
saudade e fui ai além. Que
dizer que o dever o obrigava a
negar meus verades-a minha
prisão-mas, ele o afegava,
com fofoca familiar.

15

Hoje houve interrogatório.
Enquanto estive nesse pedro da
Av. Paraná, eu e Marilene sentados no
ônibus, eu e Marilene sentados no
ônibus, a passagem dos interrogatórios
já moscou conhecido e outros morreram
ouviram gritos de seu cidadão que
estava pendendo "interrogado". Era a pri-
meira constatação que existia, mas, eu
não falei tanto, polícia que existia, mas, eu
pude constatar a existência dos horrores de
terribles negadas pelos comunicados do
governo. Só que não sabia o que ia ser
dito, mas é fato, com indiferença de
que já não pode esperar nada de bom
que foi levada para outro carro. Senti que
estavam os meus acompanhantes este-
vam aflitos por chegar a outro lugar.
se consultavam sobre a prisão, se
ja tinha acabado etc. Fui colocado no
carro e Marilene em outro. Quis os or-
dens de Kíes a respeito de nossa be-
fagam que iria também para o mesmo
lugar. Mandaram-me ficar no carro
esperar entre no aeroporto carro e per-
der ao meu lado, um boro esse grande
galo, alourado, de olhos claros, quando
e apurando com as mãos atiçar dos
costas que ~~me olhou de relance~~ re-
conheci, espartada, sei o Dr. Rubens Sáiva,
pai de 3 alunas minhas. Minhas
alunas do Colégio São e companheiros da
minha filha. Era ele que tinha sede

16

aparecendo. Ovi as conversas em que
o aneavam de mais ameixas
pe mas se mantivesse quieto. O Dr.
Rubens parecia sofrer soneto e pediu
para afrouxar as suas que prendia
nos pulsos. Ovi e ele também devia
estar ouvindo as instruções deles pelo
rádio, do tigre "elefante", aranha
etc. pôrre coros. "deviagir na casa"
em que estavam suas senhora e
4 crianças na Delfim Murcia; elas
deveriam permanecer lá o telefone este-
controlado; quem está dentro não
sai, quem está fora pode estar no
entre e é garantido. Isto foi refeti-
do pelos meus meus 3 veys até o
outro animal (elefante, aranha etc)
gravar bem) Depois que tive que é
toda a incompatibilidade da
minha prisão, entendi que o que
ouviais se refere à casa e à
família do Rubens saiu.
Quando chegaram os chamados
"aparelhos" ~~foi farrado~~ na Barra de
Meia Praia e o carro parou, colocaram
uma toalha na cobrinha do rosto e
o paleto na cabeça. Em estada
e nos fizeram descer. Eu estava
olhando, fui conhecido de fome e
"Codi" as prisões de seu filho e
com dificuldades para respirar,
até ido ao capuz feito que seu cão

caras, nem aliumento, ~~comer~~
desmaiei. Pensei que que estava
enfastada. Pensei parede e ouvi
o Dr. Rubens ser interrogado:
- Dr. Rubens mas sei que São
Gonçalo? - Rubens não explicou o que
ainda ouvir ele explicar o polí-
mico dos meios de defesa fisiológicas
que ouvi mais cedo.

Ainda ~~estava~~, com uns soldados
atrás me pressionaram. Percebi o rosto
de dois homens sentados em frente
a uma mesa: um moreno
e outro loiro, com suas canas
de malha branca com o uniforme
do Exército. O rosto do homem
de branco era esparramado, os olhos
abertos, com expressão de inquietação,
interrogatório, a pergunta, respon-
dendo, de cabelos castanhos des-
cabelados, com este pênis des-
nudado que é pra de-
clarar de que é tipo Sidi. Daí
então o jovem da mesa, o loiro,
percebeu tudo nessa hora, e logo ficou
mais corado. Foram estes que me
disseram dai por diante,
intento para mim que fui per-
mitido observá-los bem. Ouvi per-
guntarem ao enfermeiro se era
agradável a interrogação e a
resposta que era: melhor esse tipo
de pergunta que aquela antiga:

Depois que lhe aplicaram a injeção
de glicose (sempre enfrigada) pare-
ceu que me deu a sua medida.

Foi por quanto tempo ali fiquei;
por que nessa mesma tarde fui
fotografada e ficada e estive por muito
tempo em pé ~~junto à parede~~. Como
não aguentasse ficar com ~~segura~~
me apoiar na parede, acabei com me
colocando numa cadeira. Eu ouvia os
gritos do "Rei da Bala" quando "intervoga-
do" e de vez em quando passava alguém
que era ~~pessoal de soldado~~ ~~admirável~~ que
para por seu ouvido ou puxava
lata no seu ouvido ou falava bem forte:
meus cabelos ou falava comigo? "
Vá se preparando! Esta guerra é?"
Está chegando a sua vez?"
que puxadelo, os gritos: eu não queria
me machucar" em vez disso de medo,
que faziam isto do torturado,
o dito "música tortura"
de gritaria ~~com o maxímu~~ com o
de sono e de vez em quando vulgo
e rugamento e expressões vulgares
que me diziam ao ouvido
que sei como aguento".
Finalmente fui levada à sala
de interrogatório. Vi os mesmos dois
que já descrevi o lousa e o ouro
de calvário e porta que mostraram
me assustar ainda mais ~~mais~~
~~estavam~~ pegando e indicando
o aparelho de tortura. Devo

cheio os tempos da Rubens (só podia
 me dizer, pois, que precedeu no setor
 segurado e eu tinha ouvido "Coow é,
 vai falar, se Rubens fala só de pu-
 blico federal caíndo?" "Menino",
 acrescentou o velho porque me lembra-
 va que procurava me convencer que
 não era de verdade o que é, mas
 só queria experimentar para
 convir com as suas ~~forças~~,
 de ouvir com os ouvidos. "O velho
 calvado" disse o interlocutor.
 "O velho" respondeu o homem,
 "é o velho, de olhos azuis, que
 moro ainda (aparentava uns
 de 30 anos) conectar o interlo-
 cutor de vez em quando que havia
 duas maneiras de conversar: uma
 tranquila ~~com~~ de ~~esperar~~ e
 a com o velho colônia, ter
 certeza que em dia fizesse dia
 uma idéia. do que fizesse dia
 com capaz de costar tudo que
 contém na ordem das per-
 guntas. As vezes, o homem falava
 com voz monótona, suave,
 e batia na mesa, galvanizan-
 do o outro regozijando-se
 com a batida (de dia que)

20.
Em cima da mesa estavam os
cartas apendidas em seu fundo
Reconhei as da leitura escrita com
tinta vermelha misturadas com
outros tipos de tinta escritos
com o Rio tinham-me escrito
de aqui no Rio, feúro - me que
o tal bairro del tipo assistente
filhos de Hollywood batem
na mesa com os pés.
me disse: "Que é Super ladrão?"
gritou: "Quem é Super ladrão?"
talvez eu já ouvi alguma coi-
zinha... Simplesmente era o
nome... Simplesmente era o
nome que me dava na cida-
dade filha de 18 anos.
meu filho de 18 anos de foto-
mistararam-me album de foto-
grafos semelhantes aos que eu
tinha visto no Japão, perguntei
Kraan - me sobre brasileiros
que eu conhecia no Chile. Re-
pondi a tudo, mas tinha medo
de ser achado e pensei que se
que não conseguia esconder
nada, tal terroridade que eu
não sentia. Mas conseguiu

21

muita coisa porque como já disse
antes neste depoimento não conhe-
ço nenhum bandido, ~~nem fui~~
não fui que acreditaram mais no
que eu dissa quando reconhe-
ci uma foto gráfica meus filhos
que me ilustraram; em tal
é de ferreiro que encontrei meus
filhos de Brasileiros em Santiago.
~~Houve~~ ~~uma~~ hora é mandaram
que eu ficasse aliando para
eu ir direi que eu não
via, mas, era vista por pessoas
que estavam do outro lado,
que queriam que eu reconhe-
cesse alguém que já disse
não conhecer. Não reconheci os
filhos era uma nova total-
mente desconhecida. Olharam
muito para mim e arrebatado e cla-
ramente disseram que tinha se
enganado, mas era eu a tal
que dissera que era eu
que era eu que se opõe-
ria para elas contas para o
Chile. Soube por
um dos inter-
rogadores que
este homem é
enganado.

Sing: de Mello que reside no Chile
 finalmente acabou ~~esta prisão~~
 o interrogatório; entendi que fe-
 zera outros, que eu ainda não
 sabia todos que sabia. Voltei
 para o corredor; encostado à pa-
 parede, ouvia trechos do interroga-
 tório de Marilene, seus gritos
 de dor que ainda ficaram por
 muito tempo em minha mem-
 ória. Finalmente, levaram-
 me a sua cela. Quando
 me tiraram o capuz vi que
 estava num compartimento
 de piso de ladrilhos moçambicanos
~~freqüentemente divididos~~ havia
uma jia e uma fenda que
ficava parcialmente oculta
por um ~~arranjo~~ painel de
mármore. A porta era de ferro e
havia uma abertura como janela
alta. Não havia cadeia, po-
suiam um colchão dobrado que
estendia ao chão. O colchão era
liso, cheio de resgôe, por onde
caía poeira, dia sujo e cheio

23

de minhas, foi ai que passei à
morte, mesmo ~~que~~ conseguindo
o encostado, iniciou momentos
de ~~que~~ sono eram interrom-
pidos por duas vez forte que
era encostada às grades da
porta e me feijavam o
almoço, não sei quantas vezes
disse meu nome e sobrenome,
acho que isto é, também me
fotur de toatura, mas me fale
~~o sono da fisionomia~~ ~~que~~ ~~me~~ ~~interrompe~~ ~~que~~ ~~me~~ ~~interrompe~~ ~~que~~
a triste situação em que eu
estava, viu a tal vez forte
e o intenso gátorio ; seu nome,
eu digo, como tenho o nome
confundido, às vezes, respondia
pela presumidamente, muitas
vezes exprimiu que eu o desse
lito, faziam isto com todos
à morte toda ouvi perguntar
em o nome do que feste
que estava vivendo à vida
ela, ouvi - o responder minha
resposta : Rubens, Raiva, ouvi - o

24

para transportar pesos, ficámos abraçados felizes de estarmos juntos, apesar da maldade pôbre o que nos aconteceu.

A nossa finta estava pentada em horriro que não conhecemos que devia ser peso como uns. Com os labaredos em voz baixa, eis e daí de ali também desceu a missa curva: "não tem para onde viver, nem pode ser pior do que este onde estivemos".

O dia estava quente, afinal pegou ar entrou por bala. Oficinas e trens e rio começaram a morrer com muita prisão. Suávamos comut e foi um alívio quando sentiu o carro parar e abriu as portas. Alguém nos ajudou a sair do carro e a entrar no trem e ficou. Estava nua, empapada e o topo abafado. Deveriam oferecer-lhe alguma coisa confrangedor e com um pedaço de pão nas suas mãos, supreendida, seu forçado. Marlene deixa talibus mesmos deixa orver com Marlene; seu Rio - me que me ajudaram a subir uns crados que deram um cofre d'rena seleda.

26

Nessa altura já sentindo-me melhor, e fui
me encontrar com outras pessoas que me disseram que eu só
compreendi que todos puderam
me reparar no lugar e nas pessoas e nunca
pensar que a ADMISSÃO era ótima e que o
uniforme da ~~militar~~ exército era
uniforme. CONTROLE DE GEOGRAFIA - MARÇO - 1969

1 - Como podem ser os astros. Explicar e dar exemplos.

2 - a) O que são constelações?

b) Como se classificam as constelações?

c) Dar exemplos de cada tipo.

Além de 3 - O que é Geografia?

4 - Dar as principais divisões da Geografia, explicando

5 - Você acompanhou pela televisão e pelos jornais o feito
dos astronautas americanos no Apolo 9. Este fato tem
alguma relação com a Geografia? Explicar.

6 - Diga o que é:

I - Sol

II - Peixes

III - Lua

IV - Marte

7 - O Sistema Solar é constituído de:

8 - Explicar
órbita - mas tem nada a esconder
cometa -
abóbada celeste

e usam com simplicidade a farda

ADMSSAO CONTROLE DE GEOGRAFIA MARÇO 1969

que trazem ~~esta profissão que escolhe~~ - gal

1 - Como podem ser os astros. Explicar e dar exemplos.

2 - a) O que são constelações?

b) Como se classificam as constelações?

c) Dar exemplos de cada tipo

3 - O que é Geografia?

4 - Dar as principais divisões da Geografia, explicando.

5 - Você acompanhou pela televisão e pelos jornais o feito
dos astronautas americanos no Apolo 9? Este fato tem alguma
relação com a Geografia? Explicar.

6 - Diga o que é:

I - Sol

II - Peixes

III - Lua

IV - Marte

7 - O Sistema Solar é constituído de:

8 - Explicar
órbita -
cometa -
abóbada celeste

Tinham chegado à sua quartel,

e que madeira de concreto com

inteligências de canis colorida

e colas esportivas

que tanto nos tinham feito paper



Ao contar como foi tratada pelos que a prenderam, a professora Cecília Viveiros de Castro chora emocionada



Fotos de Fernando Melo

Psicóloga declara na Justiça que viu Rubens Paiva ser agredido

A psicóloga Marilene Corona, em depoimento ontem no IPM que apura o desaparecimento e morte de Rubens Paiva, disse que viu o ex-Deputado ser espancado no dia 20 de janeiro de 1971 — numa sala do Comando da 3ª Zona Aérea — porque ele disse que não a conhecia. Um pouco antes, explicou Marilene, tinha sido obrigada a telefonar para o ex-Deputado e ouvir quando deram a ordem para prendê-lo.

Marilene declarou ao Juiz Oswaldo Lima Rodrigues, titular da 1ª Auditoria do Exército, e ao Promotor Mario Elias Miguel, que tinha sido presa no dia anterior dentro de um avião momentos depois dele pousar no Aeroporto do Galeão procedente do Chile. Na bagagem trazia uma carta de um exilado brasileiro para Rubens Paiva.

Respondendo a uma pergunta do Juiz, disse que foi acarreada com Rubens Paiva em uma sala. Um dos homens dirigiu-se ao ex-Deputado e disse: "Essa é Marilene, você não a conhece?". Paiva respondeu: "Não, nunca a vi".

Marilene disse que nesse momento viu o homem "dar uns tapas" em Rubens Paiva, que ficou muito vermelho e com a fisionomia assustada. Transferidos para o DOI-Codi da rua Barão de Mesquita, em companhia da professora Cecília Viveiros de Castro, que também prestou depoimento ontem, lá ouviu várias vezes Paiva gritar afirmando: "Não conheço Marilene. Não sei nada sobre o Chile e as cartas".

Respondendo ao Promotor, admitiu que não testemunhou diretamente violências contra Paiva no DOI-Codi, mas disse que foi torturada.

Disse que ouviu pela última vez a voz de Paiva na tarde de 20 de janeiro



Marilene diz que viu Paiva espancar

ro. "Eram gritos desesperados de alguém que estaria sofrendo muito".

A professora Cecília Viveiros de Castro, presa no mesmo voo, também trazia cartas que foram confiscadas pelos órgãos de segurança. Cecília foi a primeira a ser ouvida e o seu depoimento durou uma hora. Ela relatou a sua prisão no Galeão e a transferência para a 3ª Zona Aérea e, posteriormente, para as dependências do DOI-Codi.

Quando foi detida no avião, os agentes disseram que era apenas rotina, mas tão logo chegou na 3ª Zona Aérea foi encapuzada e separada da psicóloga Marilene Corona. No dia seguinte, 20 de janeiro foi interrogada por quatro homens que se tratavam de "doutor" entre si, e um deles, que ocultava com um esparadrapo seu nome na camisa da farda, a ameaçou várias vezes com uma máquina de choques e a obrigou a repetir, várias vezes, a frase "não existe torturas no Brasil". Quando

terminou o interrogatório, foi transferida para uma sala onde reencontrou Marilene e as duas ouviram, algum tempo, gritos procedentes de um local próximo.

Cecília disse ao Juiz que um oficial da FAB que conhece, Nereu de Matos Peixoto, casado com sua prima-irmã, e que na época era Chefe-de-Gabinete do Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Burnier, entrou e saiu várias vezes da sala de onde vinham os gritos e, ao reconhecer-las, o militar abraçou e disse que sua presença ali era um equívoco. Cecília disse, porém, que ele não fez nada para ajudá-la porque, pouco depois, foi transferida para o DOI-Codi em companhia de Marilene e de Rubens Paiva, sendo que ele estava com as mãos amarradas, o rosto muito vermelho e os olhos muito abertos.

Teve a impressão de que os gritos que ouvia eram de Paiva por causa do seu aspecto, o de uma pessoa que tinha passado momentos difíceis. Respondendo a uma das muitas perguntas do Juiz, Cecília disse que as lesões que Paiva apresentava não devem ter sido as que causaram a sua morte, já que ele saiu andando do jipe, quando chegaram ao DOI-Codi, apesar de amparado.

Cecília acrescentou que não esteve pessoalmente com Paiva no DOI-Codi, mas ouviu quando alguém soltou o seu nome — Rubens Beyrodt Paiva — logo na chegada.

Na madrugada daquele dia ouviu Paiva pedir água e médico. Soube também que ele havia sido preso porque Marilene tinha trazido uma carta do Chile para ele. Disse que a última vez que ouviu a voz dele foi na noite de 20 para 21 de janeiro. Embora estivesse muito tensa, pode notar que a voz era a de uma pessoa bastante enfraquecida.

**Ca
em
sobr**

BRASIL
de Aids
ic
País, sen
foram loc
em todo
divid
do Progr
Ministér
Macedo.

A taxa
de 46,8
soas já f
mal. O E
apresent
sos(1.098

Nos d
registra
sexuais
dos por

**Sed
em
Doj**

SÃO
quêste
do Ced
68 and
a fam
de CZ
ção.
par
rápid
sé D
Aug
Ce
imó
seg
Ura
São
qua
arri
am
e,
ra
pr
tr
G
ta
d
n
s
e

**imó
seg
Ura
São
qua
arri
am
e,
ra
pr
tr
G
ta
d
n
s
e**

Testemunhas viram Paiva no Doi-Codi

A professora Cecília Viveiros de Castro e a psicóloga Marilene Corona confirmaram ao juiz Osvaldo Lima Rodrigues Júnior, da 1ª Auditoria do Exército, que viraram o ex-deputado Rubens Paiva só na sede da 3ª Zona Aérea, em 20 de janeiro de 1971, e nessa mesma tarde, já no Doi-Codi, ouviram indo ele disse seu nome na identificação. Marilene soube que assinou a Rubens Paiva "levar uns tapas" na dependência da Aeronáutica.

Encerrados os depoimentos, que levaram duas horas e meia, o juiz revelou que devolverá o inquérito re à morte de Rubens Paiva ao Comando Militar Leste, no prazo máximo de três dias, para serem ouvidas as outras quatro testemunhas — os generais Joaquim Frotta e Adyr Fiúza de Castro e os médicos Jon Medeiros e Amílcar Lobo — indicadas pelo motorista Paulo César de Siqueira Castro, que se soube do caso.

Antes do início dos depoimentos, o novo promotor do IPM, Mário Elias Miguel, tentou impedir a abertura na sala de audiências da imprensa e de parentes e amigos das testemunhas, alegando que os comentários eram a antecipação de uma fase do inquérito e que o inquérito era sigiloso. Ele alegou que as testemunhas podiam ficar constrangidas e iria deixar na sala só os advogados. Mas a defensora pública Cláudia do Nascimento Costa, consultada, o juiz defendeu a presença do público e o próprio foi contra a sigilo dos depoimentos, depois que Cecília e Marilene garantiram que não se sentiam constrangidas. "Meus filhos estão presentes e isso é um mimo e um apoio moral", declarou Cecília que, va muro tenso e chorou várias vezes durante o depoimento.

Ela contou ao juiz que voltou do Chile na noite de 19 de janeiro de 1971, junto com Marilene ona, e antes de descerem do avião elas foram identificadas por homens a paisana, que as convidaram a entrar num jipe. "Eram dois ou três homens despidos, de camisas coloridas, que nos pediram os apertos", contou Cecília. As duas foram levadas numa saia no antigo aeroporto do Galeão: suas roupas foram revistadas e uma policial feminina descolocou cartas que Cecília trazia debaixo da blusa, em cartas fechadas, que eu ia colocar no correio, inadas a parentes dos exilados brasileiros que eu encontrei no Chile".

"Cadeia comunista" — Cecília atribuiu o prisão ao fato de ela e Marilene serem as únicas pessoas a voltar do Chile, depois da chegada dos presos políticos banidos. A professora, de fato, chorou pela primeira vez ao contar que ainda Galeão fora obrigada a se despir e chamada, aos 16, de "cadeia comunista". Separada de Marilene, passou a noite no Galeão, foi interrogada por civis se tratavam por detor. Quando perguntou se é médico, ouviu como resposta: "Somos outra classe de detentos".

Marilene: "Ele apanhou na minha frente"

A psicóloga Marilene Corona, 34, confirmou o inquérito de Cecília nos trechos referentes aos dois em que ambas ficaram juntas. Ela contou também ter recebido cartas do Chile, uma delas regada a Rubens Paiva, num envelope que tinha estôico da casa do ex-deputado. No Galeão foi puxada a telefone para Rubens Paiva. "Eu disse não que eu fiz isso, mas me afirmaram que não, que não de gestar ou não gostar".

Ela ligou-se ao ex-deputado para que chegassem ao Chile com uma carta para ele e a ligação foi dada pelo homem que a obrigou a telefonar. Ele se manteve pacientemente, por um aparelho de transloco, com um fuzil que estava parado do lado de avisando que "podiam invadir a casa que o que está lá dentro".



Cecília Viveiros de Castro disse que foi chamada de "cadeia comunista"

No dia seguinte, 20 de janeiro, ela foi transferida para a sede da 3ª Zona Aérea (hoje 3º Comar), ao lado do aeroporto Santos Dumont, onde se encontrou novamente com Marilene. As duas ficaram sentadas num banco, num corredor, e ouviram gritos que vinham de uma sala próxima.

— De vez em quando vinha alguém chamar a Marilene para entrar nessa sala, de onde ela saía chorando e dizendo: "Não sei quem ele é, não conheço".

Cecília não chegou a ver Rubens Paiva nesse local, mas contou que encontrou o marido de sua prima-irmã, o oficial da Aeronáutica Nereu de Matos Peixoto, chefe de gabinete do brigadeiro Burnier, que era o comandante da 3ª Zona Aérea.

— O Nereu me abraçou e disse que minha

prisão devia ser um engano — contou Cecília, lembrando que ele entrou várias vezes na sala de onde saíam os gritos.

Nesse mesmo dia, que era feriado (dia de São Sebastião), havia poucos carros disponíveis por causa do enterro do ex-ministro da Aeronáutica, Francisco Correia de Melo. Cecília foi colocada num carro para ser transferida, junto com outro preso, que não sabiam que ela conhecia. O outro preso era Rubens Paiva.

— Ele estava no banco de trás, com as mãos amarradas, o rosto muito vermelho, os olhos esbugalhados, roupa toda amarrada. Nós olhamos um para o outro, nos reconhecemos, mas não trocamos uma só palavra — contou Cecília, lembrando que, ao ser transportada, ouviu falar em Aparelhão, em procissão e em falta de viaturas por causa do enterro.

Na 3ª Zona Aérea, ela foi levada num fusca para o Doi-Codi, onde também ouviu Rubens Paiva se identificando pelo nome. Pouco depois, ouviu muitos gritos. "Eram gritos desesperados, quase histéricos, de quem estava sofrendo", descreveu Marilene, ao dizer que a pessoa que gritava repetia: "Não conheço a Marilene, não sei nada sobre o Chile, não sei nada sobre as cartas". Depois disso, ela foi levada para uma cela no andar de cima e não viu nem ouvi mais Rubens Paiva.

Respondendo a uma pergunta do promotor sobre torturas, Marilene contou que recebeu choques elétricos no Doi-Codi, foi espancada nas costas e ouviu muitas ameaças, inclusive de curta.